DA NECESSIDADE DO CONHECIMENTO DO QUE FOI E DO QUE É ESCRITO: UMA CONTRIBUIÇÃO DA CRÍTICA TEXTUAL AOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

Ceila Ferreira Martins
(LABEC-GCL-UFF- ABRAFIL)

Verba uolant, scripta manent.

(Provérbio latino)

> Pessoa existe nos seus papéis. À medida que vão desaparecendo os homens que o conheceram e dele deram testemunho (e cujos evangelhos nem sempre são fundamento de fé, sobretudo se interpretativos), mais evidente se torna que só resta uma forma de até ele chegar: lê-lo. Ler o que escreveu. Mas ler o que efectivamente escreveu (CASTRO, Ivo. Editar Pessoa).

No provérbio latino citado como uma das epígrafes deste trabalho, podemos vislumbrar a fragilidade do poder de transmissão das palavras na sua forma oral.

Dessa fragilidade, há muito que a Literatura e a Filosofia, por exemplo, se ocupam, apesar de ser do conhecimento de um número expressivo de pessoas que um filósofo importante como Sócrates não legou, ele próprio, os seus ensinamentos à posteridade por meio da palavra escrita. Também é conhecida a distinção, utilizada por Platão, entre os ensinamentos transmitidos através da palavra oral e os ensinamentos dados a público por meio da palavra escrita, assim como o privilégio com que o autor de *A República* distinguia a oralidade em relação a escrita. Além desses dois nomes, os de Sócrates e de Platão, destacamos ainda o de Nicérato que: "[...] se gabava de saber ainda de cor todos os Poemas Homéricos que o pai lhe mandara fixar em pequeno. [...]".[34]

Acerca da fragilidade do testemunho transmitido pela escrita, fala-se bem menos. É mais comum ouvirmos e lermos sobre a sua durabilidade e a sua garantia de perenidade. Contudo, se atentarmos para as palavras da segunda epígrafe deste trabalho, as retiradas do livro *Editar Pessoa*, do Professor Doutor Ivo Castro, coordenador da prestigiosa equipe de edição crítica que leva o nome do grande Poeta de *Mensagem*, percebemos que não é bem assim. Nem sempre a escrita é garantia de perenidade da transmissão das palavras produzidas por um determinado autor. A escrita também pode sofrer alterações com o passar do tempo.

---

34 Cf. PEREIRA, Maria Helena da Rocha. Introdução. In: PLATÃO. *A República*. 8 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, s.d.

Recordemos a advertência contida na segunda epígrafe deste trabalho.

Das palavras do Professor Ivo Castro, podemos entender que para chegarmos hoje até Fernando Pessoa precisamos ler o que ele escreveu, mas o que ele *efetivamente* escreveu.

"O que ele efetivamente escreveu", faz parte do escopo da Crítica Textual.

A Crítica Textual procura resgatar o texto final do autor e, a partir da década de 80 do século XX, ficou mais evidente que a Crítica Textual também intenta conhecer e dar a conhecer as etapas da construção textual. Mas por que é necessário resgatar o texto final do autor e conhecer - e dar a conhecer - as etapas da construção textual?

Vamos por partes. Primeiramente, falaremos sobre a necessidade de se resgatar o texto final do autor. E vale lembrar aqui que estamos chamando de texto final do autor ao que muitos filólogos denominam de última intenção materializada pelo autor. Bem, voltemos à questão acima suscitada: à medida que os textos vão sendo publicados - primeira, segunda, terceira ou mais edições – eles vão sofrendo modificações. Tais modificações, realizadas voluntária ou involuntariamente por terceiros e/ou por vontade do próprio autor, podem ser classificadas como rumores ou ruídos que separam o texto produzido pelo autor dos leitores de uma determinada época[35]. Quando essas modificações são produzidas por terceiros, sem o consentimento do autor, surgem barreiras entre o que o autor escreveu e o público receptor do texto. No caso de ser esse público formado por lingüistas, críticos literários, teóricos e historiadores da literatura, o produto do trabalho desses estudiosos pode ser prejudicado pela natureza do *corpus* utilizado, segundo o exemplo, um *corpus* formado por textos corrompidos. Então, há de se ter a preocupação de trabalhar com textos bem editados, textos que sejam da responsabilidade de um editor científico, que conheça uma metodologia de publicação baseada na Crítica Textual.[36] Ainda dentro dessa questão, devemos também atentar para um problema nem sempre levado em consideração pelos estudiosos da literatura, ou seja, o de que uma obra do passado, publicada na atualidade, não necessariamente contém o mesmo texto veiculado na época de sua primeira publicação e, vamos além, não necessariamente contém o mesmo texto veiculado em suas demais edições.

Quando dizemos que os textos, com freqüência, recebem modificações de uma edição à outra, não estamos aqui lançando luz em direção às necessárias atualizações gráficas, mais ou menos conservadoras, que um texto do passado, escrito com uma grafia diferente daquela que vigora nos dias atuais, sofre. Também não estamos aqui preocupados com a distinção entre tiragem e edição. Na distinção comumente aceita, tiragem é a publicação de números a mais de uma edição que se esgotou ou da qual se

35 Para uma definição de rumores ou ruídos, leia-se RONCAGLIA, Aurélio. *Principi e Applicazioni di Critica Testuale*. Roma: Bulzoni, 1975, pp. 24-25.

36 Para a distinção entre editor comercial e editor científico, veja-se REIS, Carlos/MILHEIRO, Maria do Rosário. *A Construção da Narrativa Queirosiana*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989, p. 24.

tem uma demanda maior do que a inicial e nova edição é a publicação com alguma modificação ou com algumas modificações. Porém, qual é a natureza dessas modificações? Algumas vezes, elas são feitas pelo próprio autor da obra. Outras vezes, são realizadas por terceiros e, nesse caso, a palavra escrita não é mais garantia da perpetuação da palavra do autor.

Recordemos mais uma vez as palavras do Professor Ivo Castro:

> Pessoa existe nos seus papéis. À medida que vão desaparecendo os Homens que o conheceram e dele deram testemunho (e cujos evangelhos nem sempre são fundamento de fé, sobretudo se interpretativos), mais evidente se torna que só resta uma forma de até ele chegar: lê-lo. Ler o que escreveu. Mas ler o que *efectivamente* escreveu.[37]

Sim. É inegável, indiscutível: para chegarmos até Pessoa temos de ler o que Pessoa escreveu. O que por enquanto não é ponto pacífico e nem mesmo objeto de preocupação por parte de um número considerável dos que admiram a obra de Fernando Pessoa é a necessidade de ler o que o Poeta efetivamente escreveu, ainda mais, que muitos de seus admirados nem de longe imaginam que há possibilidades de, ao abrirem um livro com textos de Pessoa, não estarem a ler o que Pessoa efetivamente escreveu. Contudo, esse tipo de problema não ocorre somente com a obra do autor de 'Mar Português'. Vejamos. Passemos então a alguns exemplos de problemas de transmissão de obras de dois outros grandes escritores, expoentes, sem dúvida, da Literatura, os dois também citados, assim como Camões, Pessoa e uma plêiade seleta de brilhantes criadores da arte da palavra, pelo crítico norte-americano, Harold Bloom, como gênios. São eles: Machado de Assis e Eça de Queirós.

De Machado de Assis, autor cujo centenário de falecimento está sendo comemorado neste ano de 2008, destacamos *Papéis Avulsos*, livro de contos considerado por um número expressivo de críticos literários como um marco na carreira do grande escritor. Um marco, nos contos, semelhante ao que foi *Memórias Póstumas de Brás Cubas* para os romances. Além disso, estamos, no Laboratório de Ecdótica da Universidade Federal Fluminense, o LABEC-UFF, preparando uma edição crítica e comentada de *Papéis Avulsos*.[38] E quando digo estamos, neste caso da edição crítica e comentada, faço referência ao grupo formado por: alunos da graduação e da pós-graduação da UFF, uma aluna do Mestrado da USP, um graduado pela UFRJ, um graduado pela própria Fluminense e aquela que escreve estas linhas. Pois bem. Fale-

37 CASTRO, Ivo. *Editar Pessoa*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990, p. 24.

38 Equipe formada por alunos da graduação da UFF (César Bandeira Silveira Barbosa, Marcelo Aceti, Maria Cristina Antonio Jerônimo, Jéssica Tavares Pereira, Carolina de La Vega Soledade, Fabrício de Carvalho Soares, Lívia Lúcia Veloso de Oliveira, Reginaldo Pinto Garcia, Lucas Nunes Vieira, Mariana de Araújo Martinho Pinheiro, Rafaela Rosa Quintella, Lívia Nogueira Ferre e Augusto Brito Montano); mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFF (Fabiana Ferraz Patuelli); um graduado em Letras pela UFF (Rodrigo Sampaio Nogueira) e um graduado pela Faculdade de Letras da UFRJ (Hugo Carvalho Villa Maior).

mos um pouco sobre *Papéis Avulsos*. Tal título é uma reunião em livro de contos anteriormente publicados em revistas e/ou em jornais. Mas, devemos salientar, citando Daniel Piza, que apenas "Na Arca" e "Verba Testamentária": "[...] foram escritos diretamente para o livro, ainda que publicados mais tarde em periódicos [...]"[39].

Os contos que dão corpo à edição de 1882, a primeira de *Papéis Avulsos*, são: "O Alienista", "Teoria do Medalhão", "A Chinela Turca", "Na Arca", "D. Benedita", "O Segredo do Bonzo", "O Anel de Polícrates", "O Empréstimo", "A Sereníssima República", "O Espelho", "Uma Visita de Alcibíades" e "Verba Testamentária". É interessante destacarmos que por meio da leitura da "Advertência", que abre a edição de 1882, publicada pela Lombaerts, podemos entender que a reunião de contos intitulada *Papéis Avulsos* foi planejada pelo próprio autor. Vejamos, então, um trecho da já mencionada "Advertência":

> Este título de *Papéis Avulsos* parece negar ao livro uma certa unidade; faz crer que o autor coligiu vários escritos de ordem diversa para o fim de os não perder. A verdade é essa, sem ser bem essa. Avulsos são eles, mas não vieram para aqui como passageiros, que acertam de entrar na mesma hospedaria. São pessoas de uma só família, que a obrigação do pae fez sentar à mesma mesa. [...][40]

Das palavras acima citadas, depreendemos sem esforço que os contos reunidos em *Papéis Avulsos* fazem parte "de uma só família". Mas o que os fazem pertencer a uma só família? Quais as características que os agregam? Ou *Papéis Avulsos* seria produto apenas do desejo do autor de não ver aqueles contos dispersos em periódicos e tal reunião não teria conseqüência alguma em termos de formação de sentido de cada um dos contos que integram aquele volume? Não. Não é provável, pois, entre outros aspectos importantes que formam as características que os agregam, destacamos que a própria ordem em que aqueles contos foram publicados, na edição de 1882, e que foi transmitida para as demais edições de *Papéis Avulsos*, a própria escolha daqueles contos para compor o livro, tudo isso é um considerável elemento formador de sentido, de um sentido relacionado à própria estruturação pretendida pelo autor para dar corpo àquele volume. Vejamos: é expressivamente diferente publicar, por exemplo, "O Alienista" em separado, inclusive como se tal conto fosse uma novela, ao invés de publicá-lo acompanhado pelos contos que formam o livro intitulado *Papéis Avulsos*. É também expressivamente diferente publicar a história de Simão Bacamarte, "O Alienista", em periódico, cercado por outros textos, por gravuras e por toda uma especificidade própria a um jornal, no caso *A Estação*, voltado ao público feminino.

---

39 PIZA, Daniel. *Machado de Assis*: Um gênio brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial, 2ª. ed., 2006, p. 219.

40 Cf. Edição Crítica e Comentada de *Papéis Avulsos*, ainda inédita, mas em fase de preparação pela Equipe *Papéis Avulsos* do Laboratório de Ecdótica da UFF. Texto-base desta passagem: a edição de 1882 de *Papéis Avulsos*.

Da leitura de *Papéis Avulsos*, percebemos que os contos que integram tal volume receberam também tratamento considerável em termos de adequação do uso da língua portuguesa em relação ao período histórico em que o conto se passava. Além do mais, os contos que integram *Papéis Avulsos* são ambientados em tempos históricos próprios a praticamente cada um deles e o somatório do que estamos denominando de tempo histórico próprio lembra os tempos históricos sugeridos em muitas das situações e citações contidas no *Brás Cubas*, inclusive na parte inicial de *Memórias Póstumas*. É visível a proximidade do estilo utilizado em *Papéis Avulsos* e nas *Memórias Póstumas*. Inclusive, muitos dos temas trabalhados em *Papéis Avulsos* também são trabalhados nas *Memórias Póstumas*, como, por exemplo, a busca da glória, a fluidez e a veleidade dos gestos, das opiniões e dos sentimentos humanos, temperados com uma crítica profunda à sociedade e aos valores presentes na segunda metade do século XIX e muitos deles ainda vigentes no Brasil – e em outras partes do mundo - dos dias de hoje.

Da leitura de *Papéis Avulsos,* ou seja, do conjunto dos contos que formam esse volume, podemos perceber com nitidez, por exemplo, a aproximação daqueles contos com *Memórias Póstumas*.

Da leitura daqueles contos em separado, como no caso das publicações de "O Alienista", ou da reunião daqueles com outros contos, que não formam o volume intitulado *Papéis Avulsos,* a aproximação com *Memórias Póstumas* não se coloca tão claramente aos olhos do leitor de hoje, daquele que pretende conhecer a obra de Machado de Assis. Não. Não se coloca. Ou seja: para a obra de Machado de Assis também valem as palavras do coordenador da prestigiada Equipa Pessoa. Parafraseando o Professor Ivo Castro, podemos dizer que para chegarmos a Machado de Assis, temos de ler o que Machado escreveu, mas temos de ler o que ele efetivamente escreveu.

Passemos a Eça de Queirós e vamos falar de *O Egito*, pois estamos preparando, dentro da Equipe que leva o nome do autor de *O Crime do Padre Amaro* e sob a coordenação do Professor Doutor Carlos Reis, uma edição crítico-genética intitulada *O Egito e outros relatos*. Falemos, então, de *O Egito*: entre 1869 e 1870, o então jovem José Maria Eça de Queirós e aquele que viria a ser seu cunhado, o conde de Resende, empreenderam uma viagem ao Egito, à Palestina e à Alta Síria. Era a época da inauguração do Canal de Suez. Dessa viagem, Eça escreveu notas, relatos. Contudo, tais notas e relatos não foram publicados, em sua totalidade, enquanto o autor ainda vivia. Foram, sim, utilizados por Eça de Queirós como textos informativos na construção de outras obras como *O Mistério da Estrada de Cintra*, *A Relíquia* e *A Correspondência de Fradique Mendes*, para citarmos obras em que podemos constatar a presença das notas de viagem com incrível facilidade, uma facilidade semelhante a que desfrutamos quando procuramos enxergar os nossos pés através da água transparente de um

mar límpido. Bem. Deixemos o mar, apesar de ele ser presença e imagem recorrente em *O Egito* e voltemos às notas de viagem.

Das notas de viagem, com o título de *O Egito* e o subtítulo Notas de viagem, saiu uma primeira edição em 1926, logo seguida por outras. Bem. A primeira edição publicada em 1926 foi preparada pelo filho mais velho do autor, também chamado José Maria. Chamar-se José Maria, tal qual o nome do autor de *Os Maias*, não seria um problema nem uma solução. O que é efetivamente um problema é que o filho do autor não publicou os manuscritos autógrafos do pai conforme eles foram escritos pelo pai, mas fez modificações, alterações, correções ao que fora escrito por Eça de Queirós.

Dessas severas modificações apresentamos um pequeno exemplo.

Lemos em uma cópia digitalizada do manuscrito autógrafo:

> [...] Vê-se o mar, o céu azul, as montanhas, todas as cousas serenas e inefáveis. Nada da vida material cativa a alma. As finas sensações delicadas, as percepções inteligentes florescem [,] aparecem no espírito. Senta-se a gente; olha, contempla. Não tem idéias, nem obsevações[,] nem crítica; tem uma vida tão divinamente passiva como a das cousas.[41]

Contudo, na 3ª. edição de 1926, está escrito:

> [...] Só se vê o mar, o céu azul, as montanhas, tudo quanto é sereno e inefável. Nada da vida material ali cativa a alma. As finas sensações delicadas, as percepções inteligentes florescem, envolvem o espírito. Senta-se a gente, e olha, e contempla: não tem idéias, nem observações, nem críticas – mas apenas uma vida inerte, tão divinamente passiva como a vida das cousas[42].

Esse é apenas um entre vários exemplos que podemos dar a respeito das modificações realizadas no texto das notas de viagem de Eça de Queirós por seu filho José Maria. Portanto, para Eça, assim como para Machado, para Pessoa, para o que foi, o que é e o que será escrito, especialmente para o estudo da construção de suas narrativas, é preciso ler efetivamente o que o autor escreveu.

As palavras o vento leva. Contudo, a Filologia como Crítica Textual nos ajuda a conhecer os estágios, as etapas, a língua e a história dos textos e, sim, nos aponta os caminhos possíveis em direção à palavra ou o que existe de mais perto da palavra dos autores e autoras, a palavra que surgiu de um esforço do trabalho e da criação daqueles a quem tanto admiramos, enfim: a daqueles que têm papel fundamental na criação do que chamamos literatura.

---

41 Passagem da edição crítico-genética de *O Egipto e outros relatos*, preparada por aquela que escreve estas linhas. Edição ainda inédita, tendo como texto-base, na maior parte de sua extensão, o do manuscrito autógrafo de Eça de Queirós.

42 **QUEIROZ**, Eça. *O Egipto*. Notas de Viagem. 3ª. Ed. Porto: Lello & Irmão, 1926.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Ivo. *Editar Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Papéis Avulsos*. Rio de Janeiro: Lomberts, 1882.

MARTINS, Ceila Ferreira (coord). Edição Crítica e Comentada de *Papéis Avulsos*, livro de contos de Machado de Assis. (em preparação).

——— (ed.) *O Egipto e outros relatos*. Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós. (em fase de preparação).

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. Introdução. In: PLATÃO. *A República*. 8ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, s.d.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis*: Um gênio brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial, 2ª. ed., 2006.

QUEIROZ, Eça. *O Egipto*. Notas de Viagem. Porto: Lello& Irmão, 1926.

REIS, Carlos/MILHEIRO, Maria do Rosário. *A Construção da Narrativa Queirosiana*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

RONCAGLIA, Aurélio. *Pricipi e Applicazioni di Critica Testuale*. Roma: Bulzoni, 1975.